

**BANHEIRÃO, PISTA E PEGAÇÃO: RELATO ETNOGRÁFICO
SOBRE PRÁTICAS HOMOERÓTICAS E SEUS CONFLITOS EM
ESPAÇOS PÚBLICOS DE CAMPOS DE GOYTACAZES-RJ**

Bruno Henrique Rodrigues de Oliveira¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho denota uma etnografia das condutas homoeróticas de pegação, no âmbito de locais públicos encontrados na região central de Campos dos Goytacazes, cidade localizada no norte do estado do Rio de Janeiro. A pesquisa ocorreu entre 2017 a 2019 culminando em uma monografia defendida para obtenção do título de graduação em Ciências Sociais.

Para introduzir o leitor sobre a minha inserção ao campo de pesquisa é importante destacar a minha própria relação com a cidade, que antes de minha mudança do interior de São Paulo para o Norte Fluminense, nunca havia conhecido o estado do Rio de Janeiro e por isso, pouco sabia das dinâmicas e interações sexuais que ocorriam no Estado. Com a minha fixação na cidade de Campos, como é usualmente chamada pelos moradores, começo a minha trajetória universitária assim como a associação a grupos de pesquisa e de movimentos sociais.

¹ Mestrando em Justiça e Segurança (Universidade Federal Fluminense, Brasil). <http://lattes.cnpq.br/8427463947664077>. Orcid não informado. E-mail: bruno.henrique.uf@gmail.com. Endereço para correspondência: Não informado. Telefone: Não informado.



O interesse de pesquisar sobre a pegação se revela a partir da minha entrada no coletivo LGBTQIA+ Gaytacazes associado a Universidade Federal Fluminense, cujo objetivo era debater questões sobre gênero e sexualidade, principalmente com intuito de promover políticas públicas e sociais como projeto de extensão. Foi nas conversas entre os novos amigos, que ouvi sobre o termo pegação, em que se referiam a ação de se relacionar com outros homens no âmbito público da cidade, até o momento entendia a pegação apenas como uma possibilidade de relacionamento sempre marcada por tensionamentos e conflitos, pois os relatos sempre estavam associados a questões de repressão vindas não apenas da segurança pública da cidade como também dos próprios cidadãos.

Em 2017 após um ano na universidade me associei ao Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte Fluminense- NEANF onde desmembrei a pesquisa no intuito de entender e perceber a pegação nos espaços urbanos. Foi pensando na necessidade de se fazer um trabalho metodologicamente etnográfico, com o campo empírico de análise como ponto referencial, que decidi escolher dois campos de pegação que estavam nas proximidades da minha residência. Dando maior qualidade e proporcionando uma imersão produtiva e que se portou durante meus três anos finais de formação.

Para incitar as definições é necessário pensar as sociabilidades entre homens e como pegação ressignifica os ambientes, com isso observei dois banheiros rodoviários da cidade que apresentavam a pegação rotineiramente, e que me revelavam uma organização codificada e organizada dos encontros homoeróticos denominados como banheirão, pelos meus interlocutores.

O “banheirão”, expressão afeiçoada pelos interlocutores desta pesquisa, está espalhado por toda cidade, tendo como característica a transformação dos espaços urbanos normalmente usados para fins fisiológicos como banheiros públicos para o uso sexual, flerte e práticas eróticas. O interesse desta pesquisa

é apreender as múltiplas formas de aspecto da “*masculinidade*” do uso do espaço como configuração do desejo.

Finalmente, um corpo considerável de pesquisas mostra que as masculinidades não são simplesmente diferentes entre si mas também sujeitas a mudanças. Desafios à hegemonia são comuns, e o são também os ajustes em face desses desafios (Connell & Messerschmidt, 2013, p. 248).

No decorrer deste artigo, ficará notório que usualmente os participantes não se identificavam com a homossexualidade para caracterização de construção da orientação sexual. As terminologias de gênero presentes no código social de masculinidade brasileira, referindo gênero e sexo como uma questão unitária sendo o homem neste caso a virilidade é condutora tanto os aspectos de orientação e reconhecimento individual.

No campo de pesquisa por vezes, me referindo a alguns indivíduos sobre como eles se reconheciam enquanto orientação sexual, demonstravam desconhecimento sobre o termo evidenciando a complexidade sobre as formas de reconhecimento frente aos debates de gênero e sexualidade.

Os interlocutores detectavam na homossexualidade um termo carregado de inferioridade e passividade levantando a necessidade de se repensar como as categorias podem se apresentar para cada situação social. Os banheiros públicos se tornam uma rede de significados e símbolos carregados de transformações do uso do corpo para reempregar definições para o ambiente.

Gradativamente a pesquisa foi se direcionando para duas rodoviárias de Campos dos Goytacazes, quais sejam, a Rodoviária Shopping Estrada, localizada na BR 101, bem próxima a uma das “entradas” da cidade, dado que este é um importante ponto de circulação intermunicipal e inter-regional e a Rodoviária Roberto Silveira, localizada no coração do centro urbano e comercial, cuja

maioria dos ônibus possui uma circulação no município e interdistrital. A escolha dos banheiros nas rodoviárias se justifica, por ser um local concorrido para as práticas de pegação, tal como denominadas por aqueles que as realizam tanto nos banheiros públicos como em outros locais da cidade.

A relevância presente neste trabalho contribui para as percepções e análise das relações de masculinidade a apropriação do uso coletivo dos espaços públicos, trazendo um itinerário de relações e significações sobre os aspectos da pegação para ressignificação dos banheiros usados como local de encontro e sociabilidade masculina. Os estudos de sexualidade e gênero enquanto dimensão de observar a masculinidade na 'interface' brasileira, tem maior pertinência a partir da década de 80, com estudos sobre michês e as formas de representação da masculinidade.

Obras como Peter Fry & MacRae ao publicarem em 1983, O que é homossexualidade, trazem reflexões que abrem o campo dos estudos sobre as relações sexuais além de um aspecto teórico e abrangem a interface empírica e etnográfica dos estudos sobre masculinidades. O negócio do michê – prostituição viril em São Paulo de Nestor Perlongher publicado em sua primeira versão em 1987, relatando os encontros e práticas entre michês na capital paulista reafirmam a relevância de temas que abordem a sexualidade além de aspectos morais, médicos ou criminalísticos oferecendo uma forma concisa de observar a partir dos seus integrantes.

As relações entre o campo da sexualidade e o trabalho etnográfica, trazem seus conflitos inclusive quando se pensa a observação participante nos ambientes pouco institucionalizados, assim ser pesquisador e homossexual, e falar sobre pegação e relevante não apenas pelo olhar cuidadoso e não moralista sobre o objeto de pesquisa, mas dar real oportunidade de empiricamente descrever in locus práticas sociais presentes nos meios urbanos de grandes centros, mas

também demonstrar que a pegação está nas cidades e municípios espalhados por todo país.

Assim, o material etnográfico produzido tem deixado notório a complexidade na construção do ser homem e ser homossexual, do ponto de vista dos praticantes da pegação nos banheiros bem como apresentado casos instigantes para pensar os conflitos no uso do espaço público na sociedade brasileira. O Objetivo da pesquisa é evidenciar tais relações em sua própria organização evidenciando o mundo da pegação campista, como uma esfera organizada e de códigos e condutas a serem vistos e descritos.

PEGAÇÃO E BANHEIRÃO

A “pegação” é um termo muito amplo no campo homoerótico, visto que pode apresentar múltiplas formas de práticas eróticas e sexuais, podendo ocorrer nos banheiros ou fora deles. Oliveira e Nascimento (2004, p. 24) selecionam uma das definições que se faz compatível com a pesquisa dando significação à categoria de uso da pegação.

pegação é um termo polissêmico. Pode dizer muito e simultaneamente nada. É, para todos os fins, um código. Pode-se chamar pegação qualquer relação de flerte, paquera e namoro entre desconhecidos, como também se pode chamar assim o local em que essas relações acontecem (Oliveira & Nascimento, 2015, p. 46).

Deste modo tem a potencialidade de transformar “São lugares utilizados para o encontro e intercursos sexuais entre homens” (Barreto, 2017, p. 56). “Pode-se chamar pegação qualquer relação de flerte, paquera e namoro entre desconhecidos” (Oliveira & Nascimento, 2015, p. 46), nestas duas dimensões podemos entender que a pegação está na prática das relações entre homens e tem, entre outras coisas, a função de constituir o espaço/lugar onde ocorrem, bem como faz circular os códigos de participação para sua realização.

A categoria banheirão, surge nesta pesquisa a partir das falas de meus interlocutores que ao pronunciarem a prática não utilizavam o “i” como um marcador fonético, fazendo com que se entendesse banheirão e não banheirão como usualmente é conhecido em outros trabalhos². A pegação assim como o próprio banheirão é uma prática recorrente no cenário brasileiro com a utilização de meios públicos para sexo entre homens.

O banheirão só existe quando a pegação está ocorrendo através de seus participantes, desta forma o uso do local se modifica ao interesse destes homens que usam do território para realizar desejos sexuais. Fora isso, o banheiro público, qualquer que seja, é apenas um banheiro público. Logo, se define pelas práticas dos seus participantes.

Todo mundo sabe o que acontece aqui, diariamente acontece. Os funcionários muitas vezes fingem que não vê a gente se pegando no banheirão e fazendo “sacanagem gostosa”. Ninguém aqui é “viado”, todo mundo é macho e gosta de se divertir. Se não for aqui vai ser outro lugar” (Marcello, 2018)

Marcello, um de meus interlocutores apresentava ter seus cinquenta anos, cabelo branco, que batia na altura do ombro, sempre aparecia com uma bicicleta e sem camiseta, não apresentava um porte físico malhado ou magro. Diariamente o encontrava na rodoviária Roberto Silveira, esperando alguém do lado de fora do banheiro, ele já era o que se considera “cara marcada”³ os faxineiros e fiscais do local o conheciam e o saudavam, os participantes mais assíduos chegavam até Marcello com uma conduta intimista de quem o conhecia e convivia diariamente.

² Na pegação: Encontros Homoeróticos Masculinos em Juiz de Fora, Verlan Valle Gaspar Neto, 2013.

³ A cara marcada é o indivíduo no qual a sua frequência chega a ser naturalizada dentro do percurso da pegação, pois suas rotinas diárias fazem com que até mesmo funcionários o cumprimentem na hora que ele chega nos pontos de pegação.

Foi a partir de longas conversas com Marcello que percebi denotações antes não observadas, compreendia que o seu interesse em mim, fazia com que muitas vezes se abrisse a falar de suas experiências pessoais. Uma certa noite havia me encontrado no banheiro com seu amigo a qual o apelido era Negão⁴, ambos estavam no banheiro, Marcello no mictório e Negão em uma das cabines, ao entrar olho para eles, ambos direcionam suas genitálias em minha direção, como se fizessem uma disputa sobre minha atenção.

Essa prática recorrente de mostrar a genitália por vezes é usada para se saber o interesse do indivíduo que está entrando no banheiro, mas no meu caso a qual já estava integrado no campo, parecia mais uma disputa entre quem teria a oportunidade de ter alguma relação comigo, seja a masturbação⁵ ou até mesmo a penetração⁶.

Ambos entraram em uma disputa do tamanho da genitália, para se saber qual dos dois possuía a maior, quando me aproximo das cabines Negão segura minha mão e pergunta meu nome, por vezes no campo não informava meu primeiro nome sempre me referindo a mim como Henrique, não tinha o interesse de omitir, mas achava seguro manter meu nome usual guardado. Quando informo meu nome, Marcello entra na conversa e afirma que já me conhecia e que sempre ficava apenas no papo, parecia querer marcar certa territorialidade sobre mim. Negão acabou dando risada e levantadas as calças, pois um motorista do ônibus entrou do banheiro.

Estas disputas entre os participantes são compartilhadas tanto quanto por homens que desejam tomar a posição como Ativos, ou seja, os que desejam receber sexo oral, ou fazer a penetração sexual anal, mas também por homens tidos como Passivos aqueles que se submetem a fazer a práticas sexuais,

⁴É importante salientar que diversas vezes os apelidos eram atribuídos a estética e existia uma naturalização de termos com conotações raciais, associados a potencialização sexual e como se atribuía nomenclaturas.

⁵ Ação de estimular manualmente os órgãos sexuais, normalmente, atingindo o orgasmo

⁶ A penetração está ligada à relação ativa de penetrar em seu parceiro

inclusive de masturbar o outro. Muitas vezes tentei desnaturalizar as relações entre Ativos e Passivos, mas essas terminologias eram reiteradas no campo, sempre perguntado “Qual posição você ocupa?”.

No ano de 2017, quando inicio, a pesquisa pensava o banheirão somente como um local a onde a relação entre homens poderia ou não acontecer, o que me levou para diversas leituras no intuito de definir este lugar que exibe uma linha tênue entre ser um equipamento urbano para realização de necessidades fisiológicas e higiene pessoal e, por outro lado, um espaço para interação sexual entre homens.

Minha primeira inquietação foi entender como os homens definem certos locais de uso público para ocorrerem praticam homoeróticas. Não precisei ir muito longe para saber que os banheiros observados na pesquisa, lugares públicos possuem, limites físicos e morais. Desse modo, sempre que falava da pesquisa com pessoas “não entendidas” meus relatos causavam estranhamentos de vários amigos e colegas.

Em minhas observações *in loco* percebi que o erotismo está presente nos códigos de conduta entre os praticantes, tal como Marcello aponta, o homem se destaca e se diferencia por quanto mais macho seu estereótipo pode representar (Connell, 2002). Sejam ações como uma pegada, coçar a genitália ou permanecer parados no mictório segurando o pênis, estas condutas demonstram posturas sexuais ditas masculinas que ressignificam o lugar em análise.

O conceito de masculinidade é criticado por ser enquadrado no seio de uma concepção heteronormativa de gênero que essencializa a diferença macho-fêmea e ignorar a diferença e a exclusão nas categorias de gênero. Ao conceito de masculinidade é atribuído o fato de esse permanecer logicamente numa dicotomização do sexo (biológico) em

relação ao gênero (cultural), dessa forma marginalizando ou naturalizando o corpo (Connell, 2002, p. 10).

Com isso podemos descrever regras e etiquetas que por vezes são compartilhadas pelos usuários, dentro e fora dos banheiros públicos e em páginas na 'internet' nas quais membros se propõem a fazer encontros em locais considerados propícios para a pegação. Um facilitador para efetivação dos encontros é o uso de aplicativos como *Grindr* em que, com frequência, os usuários criam perfis para marcarem pontos de encontros. Em muitos casos estes aplicativos também podem delimitar quais categorias de homens frequentam os espaços.

Trata-se de fazer, no campo, duas questões básicas: de quem é o espaço e o que é possível fazer com ele? Penso que se esforçam o mínimo que seja para respondê-las de maneira crítica, logo notamos que cada um deles pressupõe não apenas uma resposta, mas várias (Gaspar Neto, 2013, p. 36).

O banheirão tem, portanto, seu significado construído e reconstruído em cada situação etnográfica. Os participantes, por vezes, se revezam entre vários locais e têm percepções próprias do que são estas práticas. Por isso, uma definição "pura" do termo me parece impossível. O espaço físico se transforma com as práticas dos indivíduos no banheiro. Porém, vale indagar, se um banheiro conhecido como um local propício para as "pegações entre homens" passa por um processo de vigilância ou fiscalização que impede que ocorram relações dentro dele, então ele deixa de ser o "banheirão"?

Por se tratar de um espaço de uso coletivo, com o acréscimo de, em sua grande maioria, os pontos procurados para pegação, também serem espaços de acesso público gratuito, era fato que não se poderia falar de um "dono" dos mesmos. Dessa forma, eu jamais poderia enquadrar os frequentadores dos pontos de pegação em um único tipo social (Gaspar Neto, 2013, p. 36).

O que delimita, enfim, se este espaço é usado para prática sexual, ou não, são seus participantes. Desta forma, a etnografia urbana sobre estes locais de sociabilidade masculina se torna fundamental para entender, não apenas suas classificações, mas o conjunto de práticas e significados que os indivíduos dentro de um espaço físico são limitados geograficamente podem exercer a partir de seus diversos usos. O banheirão é um local que pode significar algo especial para os indivíduos que o procuram, mas também pode produzir outros sentidos caso deixe de ser um ponto de encontro masculino. *O inesperado e o desconhecido fazem parte da própria constituição dos blocos espaço-temporais de pegação*” (Gaspar Neto, 2013).

DA PISTA À PEGAÇÃO

A pista é uma categoria utilizada pelos meus interlocutores para marcar os trajetos de fixação da pegação, muitos destes pontos estão localizados em espaços urbanos de trajetos como ruas ou avenidas se misturando com outras formas de exposição da sexualidade em sua multiplicidade. No entanto tal categoria pode ser usada como forma demarcação territorial de certos perfis de sexualidade, como a pista voltada para travestis e transexuais ou de prostituição masculina e feminina.

Estes espaços são marcados por ações constantes da Polícia Militar e da Guarda Municipal que usam da repressão de tais práticas para cercear participantes, muitas vezes a atuação é mais expositiva, os policiais fazem a abordagem, colocam o participantes em notoriedade e começam a falar alto sobre a pegação, chamando os de pervertidos, viados e até mesmo de prostitutas. O argumento utilizado para a justificativa da atuação é sempre a lei do atentado ao pudor, apresentado como uma extensão de proibição de atos sexuais em público.

Art. 214. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da

conjunção carnal: Pena - reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos. * Pena com redação determinada pela Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990.

Os interlocutores pouco sabem da aplicação da lei, e reafirmam a ação dos policiais como uma forma de coibição e violência, em muitos dos relatos os policiais não acabam pegando em flagrante, mas o imaginário sobre o que pode estar acontecendo ou até mesmo o pré conhecimento sobre os locais de pegação fazem com que o exercício da força identifique uma relação entre imposição moral pouco esclarecedoras sobre o real fato que está sendo autuado no momento.

Após explicitar esta abordagem é de extrema relevância trazer um acontecimento que ocorreu em maio de 2018 na presença de “Negrona” uma aparição que demonstra como as regras são construídas a partir de agentes que modificam e constroem perfis sobre o lugar.

Passando quase uma hora chega “Negrona” . Trata-se de uma gay conhecida na Pista. Ela é alta, gorda, negra, tem o cabelo raspado dos lados e normalmente está com “moicano loiro, liso”. Nesse dia ela chegou indo diretamente para o banheiro gritando: “cadê as bichas?” Todos que ouviram ficaram impressionados ou assustados e alguns homens que estavam no banheiro saíram falando que “havia pessoas que gostavam de chamar a atenção”. E ela continuou: “Cadê as bichas, a pista ta molhada hoje e se ficar aqui vai rodar todo mundo” (Negrona, 2018, Caderno de campo).

A presença de Negrona demonstrava que as práticas ocultas em meio a um discurso sobre a discrição podem ser desestruturadas a qualquer momento. O fato de Negrona falar de códigos e apontar praticantes que estão fora do banheiro quebram a lógica de uma administração da sexualidade. O que há de surpreendente nisso é que, agora, os espaços começam a se misturar. O uso para práticas homossexuais sai do local restrito sendo o banheiro para ganhar um novo cenário.

Então, Negrona chega aos dois senhores do meu lado e com uma voz expansiva grita no meio da rodoviária e diz “*mariconas* safadas, tudo querendo *mamar*, “*vampironas*”. O que mais uma vez me chama a atenção é que mesmo que ambos os senhores tenham ficado aparentemente desconfortáveis com a atitude de Negrona, instantes depois começam a rir com a intimidade de quem já se conhecia anteriormente (Trabalho de campo, 2018).

Além dos participantes a Rodoviária na totalidade percebia a presença de Negrona e sua aparência causava um misto de estranhamento e jocosidade. Negrona, muito segura de si, se encosta perto de um quiosque e começa a conversar com alguns homens que praticam a pegação. Cinco homens adultos conversando com a “gay”. Suas risadas e comentários podiam ser ouvidos por boa parte de quem estava em volta.

A presença de Negrona, no entanto, não parecia ser uma mera “visita” ao banheiro. Ela passou a maior parte do tempo comentando sobre o que aconteceu com as travestis em uma rua próxima da rodoviária. Daí seu relato sobre como a situação logo iria se complicar, pois, a Pista “estava molhada”.

Durante os dois primeiros anos que estabeleci minha pesquisa de campo, as ordens sexuais da cidade passaram por reformas que trouxeram novas abordagens para se pensar as práticas de pegação, umas destas mudanças tem a ver com uma nova gerenciamento da prefeitura que ampliou reformas em alguns locais demarcados como “territórios de pegação”, como a Beira Rio, uma extensa área que ocupa as margens do Rio Paraíba, que compõe um dos cartões postais da cidade.

Em certa parte das margens do Rio Paraíba, se tinha quiosques abandonados a onde durante as noites diversas pessoas utilizavam o espaço para se fazer práticas sexuais, entre elas a relações entre homens, no entanto, é bom salientar que a vida noturna nesta localidade era orgânica e funcionava como um sistema

de práticas sexuais, entre indivíduos que usavam dos espaços abertos para o trabalho sexual remunerado, entre eles “garotos de programa, travestis e transsexuais”.

Com a prefeitura usando como argumento as reformas para se estabelecer uma lógica de perseguição e violência com os indivíduos que usavam este espaço, a pista de pegação da Beira Rio, acabou sendo desmontada, a polícia agia com violência e os relatos sobre ação truculenta na região só aumentava. Foi quando em 2019, diversos amigos que faziam a pegação na Beira Rio, já afirmavam que o local havia acabado, pois a vigilância estava intensa.

Parte destas ações fez com que os personagens que utilizavam a Beira Rio como local profissional mudassem de ordem e buscassem novos locais para se estabelecer é importante pensar que as práticas sexuais não tendem a ser nômades, elas se estabelecem em regiões e suas mudanças são ocasionadas por fatores externos, seja a baixa frequência de clientes ou de interessados em práticas sexuais, a exposição do local ou a violência dos representantes da lei.

Neste cenário tive a experiência de presenciar quando dois universos se misturam, quando no Banheiro da Região Central, duas travestis enquadraram um homem que aparentava ter feito um programa com elas e não havia pagado. O que trago aqui, não é a marginalização desses indivíduos, mas sim uma análise para se pensar que mesmo quando o poder público exerce uma violência e apaga estes indivíduos de seus locais estabelecidos, eles não deixam de subsistir, o mercado sexual e a não integralização destes indivíduos fazem com que estes se estabeleçam em outras localidades.

Quando duas travestis, uma mais baixa com cabelos curtos, camiseta vermelha e calções jeans e outra alta como um vestido preto curto e cabelos longos encaracolados chegam na rodoviária arrastando um homem forte que aparentava

cerca de trinta anos instaura-se um clima de apreensão no local. Entendi rápido que se tratava de um caso em que o tal homem fez um programa com as duas travestis e não queria pagar.

As travestis pegam a chave da moto do homem e o obrigam a ir com elas até a rodoviária para tirar o dinheiro no caixa eletrônico. Pela primeira vez o homem – conhecido praticante do banheirão que desenvolvia suas práticas de modo discreto e entre entendidos, estava sendo exposto fora do banheiro para todos os usuários e profissionais da rodoviária.

As bonecas, estão limpando, o bofe, limpa, tira o *AQUÊ AQUÊ* do bofe, Negróna gritava, e as travestis, insinuavam que iriam tirar tudo, “ Eu não tenho, mas nada “, o homem falou para as travestis, então elas pedem que ele tire o extrato, “Por favor, não faz isso comigo, devolve minha moto” (homem falando), a travesti pega o extrato da conta bancária, pego cartão dele e joga o cartão e a chave da moto, o homem sai enquanto as travestis vão conversar com “Negróna” (Negróna, Caderno de campo 2018).

Elas, finalmente, saem juntas e vão para a esquina da rodoviária. As pessoas que estavam na rodoviária continuaram comentando sobre o caso, mas logo voltam a realizar suas atividades padrão. Os praticantes do banheirão, com a Negróna, ficaram de plateia do que estava acontecendo, alguns sorrindo, outros apenas ironizando, o que me fez repensar a pensar mais detidamente na categoria pista.

Pista e o banheirão são práticas que podem funcionar de modo separado ou paralelamente, embora, como no caso descrito, o homem em exposição pelas travestis seja reconhecidamente praticante dos dois. No caso de Campos dos Goytacazes, os antigos quiosques localizados na conhecida “beira rio” Avenida XV de novembro, via que se estende ao longo do Rio Paraíba, ao lado direito, na extensão que atravessa o centro urbano do município eram usados como “motel ao ar livre”, por michês, travestis ou praticantes da pegação, estavam

interditados por conta de obras de modernização da orla, o que trouxe várias dificuldades para o uso destes espaços.

Uma das implicações disso foi que o fluxo de pessoas em busca de locais de pegação na Beira Rio foi transferido para outros pontos da cidade, incluindo, em muitos casos, os banheiros públicos. A retirada dos antigos quiosques já dificultava os participantes encontrarem um local discreto para poderem acontecer as práticas sexuais.

Somam-se a estes fatores o aumento no número de fiscais designados pela Prefeitura Municipal, ou mesmo por agentes da Segurança Pública que têm tido contingente acrescido na ronda destes locais. Com um de meus interlocutores argumenta é que *"a polícia não está ali... para proteger os quiosques, mas para bater em viado e travesti"*. Esta frase foi dita por Carlos que além de praticante de pegação também trocava serviços sexuais por dinheiro.

Como os praticantes migram para outros locais, as travestis, por exemplo, que estavam na "beira rio" vão para o centro da cidade, onde em alguns locais tem que lidar com a presença de outros grupos como as garotas de programa, michês, além de eventualmente utilizarem os banheiros públicos das rodoviárias para os encontros. Ou seja, em resumo, a cidade experimenta uma nova topografia das práticas sexuais por conta de sua dinâmica urbana de obras, planejamento e/ou fechamento de certos locais de convivência.

BANHEIRÃO, PEGAÇÃO, MASCULINIDADES E SEUS PERSONAGENS

Em sua maioria os homens negros praticantes do banheirão me levaram a um questionamento, durante o trabalho de campo, pois eram classificados por outros praticantes como cafuzu. Por esta designação se entende o homem de pele retinta, com estereótipo de malandro. Em algumas obras debatem a temática –

raça, sexualidade, classe e masculinidade – percebi diversos debates sobre a construção social destes indivíduos.

Aqui, no entanto, tentarei apresentar as construções elaboradas pelos próprios interlocutores. Essas questões ficaram mais visíveis quando indo para o campo na Rodoviária Roberto Silveira, no centro cidade, encontrei Negão com o Marcello e ambos estavam fazendo a prática da pegação, quando Marcello me questiona: “você pareceu mais interessado nele, porque o pau dele é maior que o meu”, o Negão é um “cafuçu que mete bem”.

Estava passando pela rua aqui do centro, ali do lado da praça, de bicicleta e encontrei o Negão com um novinho [...] O garoto estava atrás do poste segurando firme, gemendo no “pintão do negão”. Eu sei que o pessoal gosta de “pauzão de cafuçu com jeito de safado” comendo no meio da rua, ele estava metendo forte - Fala do Marcello (Marcello, Caderno de Campo 2018)

A rua a qual ele se refere é a Barão dos Amazonas que corta o centro da cidade. Muitos homens a usam para praticar práticas sexuais ao ar livre. Negão é um de seus maiores frequentadores. Marcello também já usou os espaços públicos como rua, terrenos abandonados e jardins de estabelecimentos para fazer pegação. Este interlocutor me relatou conhecer os espaços de pegação e que levava por vezes meninos mais jovens para estes locais.

Conheci um novinho que veio no banheiro esses dias, não tinha visto ele por aqui, na verdade ele era do rio ele me contou, era branquinho magrinho, bem do jeito que eu gosto. Começamos no banheiro, mas acabamos indo para o jardim do Trianon (o Trianon é um teatro) [, ,] .. Estávamos lá parados no jardim em um lado escuro, estava metendo nele quando o segurança de dentro do teatro acendeu uma lanterna bem na minha cara e do garoto. (Marcello, Caderno de campo 2018)

Marcello ainda conta quando levou uma pessoa para o banheiro do Mercado Municipal, também no centro da cidade, e se surpreendeu, pois, encontrou um segurança do estabelecimento transando com um homem:

Cheguei com um garoto que conheci vindo embora aqui do banheiro do centro, estávamos andando pela “Beira Valão”, quando encontro um menino que ficou me olhando, então voltei e comecei a conversar com ele, como já estava lá, mas próximo do mercadão fomos para o banheiro de lá, quando chego lá dentro o guardinha da ronda estava metendo em um homem, nem me incomodei fui para a cabine com o menino que encontrara na rua (Marcello, Caderno de Campos, 2018)

Conforme já foi dito, a prática do banheirão revisita a transformação do espaço para práticas fisiológicas e higiênicas, normalmente durante o turno da manhã e tarde, em outro lugar ao anoitecer, que permite indivíduos o ressignifique para a pegação. O campo da sexualidade e neste contexto dos encontros homoeróticos nos permite entender se constroem lugares onde uma lógica do “só para homens”, uma espécie de espaço quase exclusivo para o desempenho de relações impensáveis em outros contextos – como, por exemplo, os casos de homens que manter uma vida conjugal e familiar baseada na heteronormativo enquanto procuram esses espaços.

No campo essa relação se apresentou, por exemplo, quando presenciei uma mulher (esposa) esperar o marido do lado de fora do banheiro de uma das rodoviárias. Enquanto ele fazia a pegação, ela aparentava não saber o que estava ocorrendo no local. O homem argumentou estar com “dor de barriga” entrou no banheiro para fazer a pegação.

Eu estava no banheiro da rodoviária do centro por volta das 19h em um dia de agosto e o movimento estava intenso. Era o horário de maior movimento desta rodovia, por se localizar no centro da cidade o fluxo de moradores e trabalhadores se concentrava neste horário. O banheiro estava lotado, a todo o

momento entravam diversos homens com interesses múltiplos, os que iriam urinar e os que estavam em busca de uma pegação – todos os presentes no mesmo espaço.

Os que estavam parados no mictório se masturbando pouco se incomodavam com a entrada e ainda das pessoas de dentro do banheiro, os homens que estavam usando o espaço por necessidades fisiológicas, esperavam as cabines serem desocupadas, muitos com a cabeça baixa ou fingindo que não estavam observando o que estava ocorrendo no banheiro.

Um homem aparentando quarenta anos, de boné vermelho e camiseta azul, outro com cerca de vinte anos de camiseta branca e calças apertadas e outro mais velho sentado no banco se masturbando, todos parados com uma interação somente através do olhar e dos gestos. Quando entro no banheiro já me recebem com o olhar conhecido ou que, na verdade, sabiam o meu interesse sobre a pegação. Agora, o mais velho levanta e vai para o mictório se juntar com os outros todos se masturbavam e se olhavam em simultâneo.

Quando, subitamente, entra um homem com cerca de trinta anos. Tinha uma sacola nas mãos, vai em direção à cabine e começa a se masturbar. Seu pênis logo vira a atração do banheiro devido ao tamanho, maior que média, ele então olha-me e pede para eu participar da roda de masturbação que se formou em volta do mictório.

Ele aparentava estar com pressa e ficava se escondendo na cabine, quando uma voz de uma mulher gritou na porta: "Leandro, o que você está fazendo aí dentro?" Então ele responde "Já estou indo, estou na cabine", todos os homens mesmo com a aparência de assustados fingem uma naturalidade durante a interação. Saio do banheiro antes deles e encontro uma mulher com duas crianças, uma de colo, e outra pequena segurando suas mãos.

Leandro, finalmente, aparece fora do banheiro, como se “nada” tivesse acontecendo e começa a falar estar na cabine e que seu estômago estava doendo. A esposa falava que estava com pressa. Esta experiência em campo me trouxe algumas reflexões. Muitos homens casados com mulheres e que possuem um estilo de vida considerado heterossexual são praticantes da pegação.

No ambiente da pegação, os homens casados/héteros não são considerados (nem se consideram) ‘gays’. Na prática da pegação, o desempenho de masculinidade do “homem viril espartano”, como nos lembra Victor Hugo Barreto (2017) não apenas os valorizam como também os protege de eventuais desqualificações de sua identidade masculina — fato que torna a construção das masculinidades, seja dentro, ou seja, fora do banheiro, um tema instigante e complexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as reformas que ocorreram no decorrer da pesquisa, que se dedicava a entender as lógicas de organização dos participantes do banheiro nos espaços públicos de Campos, percebi que mesmo com o aumento do cerceamento das práticas homoeróticas no âmbito público, os praticantes não deixavam de encontrar locais ou intensificar outros espaços já utilizados para a permanência da pegação.

A Prefeitura Municipal, em simultâneo, em que construía novas estruturas físicas, tentava delimitar o espaço de uso e fortificar uma lógica de vigilância destes corpos (Foucault 1987); que quando pegos em flagrante eram colocados em evidência, para demonstrar a “correção sendo feita”. Esta representava que a prostituição, como os fiscais usualmente classificavam, estava sendo “controlada”. A punição era a exposição e humilhação destes “homens” que cometiam atitudes desviantes da “consideradas naturais (heterossexuais)”.

Pelos acontecimentos podemos tomar nota que a prefeitura de campos é responsável pela manutenção e gerenciamento destes locais de uso social e que detém um interesse sobre o cerceamento dos participantes. Usam da lei de atentado ao pudor como modelo de promoção a justiça e segurança colocando como enfoque que as práticas se referem a um problema dos praticantes e deve ser contida para que o “bem-estar comum ocorra”.

A ordem jurídica de punição dos agentes está rodeado de questões morais, entre o punir um praticante do banheirão, ou de ignorar a prática, os participantes sempre estão no local da marginalização, mesmo que seja interessante para eles o “não ser descoberto”. Mas em contraponto temos que a prefeitura reconhece que os praticantes existem, seja pelas denúncias por parte da fiscalização, seja por uma ordem estrutural.

O processo de cerceamento sexual ocorre na cidade, principalmente com a lógica punitiva por parte da fiscalização. No entanto, as lógicas de aplicabilidade da prática da pegação se reconstroem através da necessidade dos participantes em exercer seus desejos sexuais. O banheiro da rodoviária central, no final de outubro de 2019, entra em reforma que ainda não possui data para ser finalizada (até o momento da finalização deste trabalho de pesquisa). Porém, com as obras finalizadas no banheiro do Shopping Estrada, isso acarreta que os participantes se direcionem novamente para este banheiro. A “beira rio” retomou com os novos quiosques e banheiros, e mesmo com o aumento da policia a sua volta, mantém ocorrendo as Pegações.

A administração de conflitos em âmbitos públicos, neste caso, se apresenta inteiramente através da sociabilidade destes indivíduos (Green, 2000) Por um apagamento social dos locais marginalizados conhecidos como “becos de pegação” dão origem à formação de novas categorias de uso do espaço público, da Cidade de Campos dos Goytacazes (Gaspar Neto, 2013). É necessário

reafirmar que as reformas dão novas formas de uso para o banheiro. Os participantes agora criam estratégias para escapar da fiscalização e reconstruem categorias e modelos de sociabilidade.

O trabalho desenvolvido durante os três anos de pesquisa parece ter recommençado, meu interesse é evidenciar em futuras análises como os indivíduos se organizam a partir das reformas, e como as interações têm ocorrido nas áreas centrais, visto que o banheiro do centro se encontra em atual manutenção. Além disso, e em paralelo, a marginalização e condenação dos corpos, que tomei por vezes ciência das perdas que esses corpos sofriam, por conta das noites violentas que rodeiam as práticas de pegação. Cabe-nos continuar a desvendar e construir novas produções sobre a temática para que outros não sejam apagados pelo caminho.

REFERÊNCIAS

Barreto, Victor H. S. (2017). *Vamos fazer uma sacanagem gostosa? Uma etnografia da prostituição masculina carioca*. Niterói: EdUFF.

Barreto, Victor H. S. (2016). *Festas de orgia para homens: territórios de intensidade e sociabilidade masculina*. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

Butler, Judith (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Connell, Robert W. (1977). *Ruling class, ruling culture*. Cambridge: Cambridge University Press.

Connell, Robert W. & Messerschmidt, James W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, 21(1), 241-282.

Costa, Benhur P. (2010). *Espaço social, cultura e território: processo de microterritorialização homoerótico*. Rio de Janeiro: Espaço cultura UERJ.

Costa, Jurandir F. (2002). *A inocência e o vício: estudos sobre homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Foucault, Michel (2009). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, Michel (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

Fry, Peter (1982). *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.

Gaspar Neto, Verlan V. (2013). *Na pegação: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora*. Niterói: EdUFF.

Goffman, Erving (1978). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar.

Gren, James (2000). *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo: Unesp.

Kant, Roberto L. (2001). Administração de conflitos, espaço público e cidadania uma Perspectiva comparada. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, 1(2), 11-16.

Malinowski, Bronislaw (1984) [1922]. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural.

Oliveira, Thiago L. & Nascimento, Silvana S. (2015). Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em João Pessoa. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 19, 44-66.

Perlongher, Néstor O. (1987). *O negocio de michê: prostituição viril em São Paulo* (2a ed). São Paulo: Brasiliense.

Pollak, Michael (1987). A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In Philippe Ariés & André Béjiin (Orgs.). *Sexualidades ocidentais* (pp. 54-76). São Paulo. Brasiliense.

Souza, Tedson S. (2012). *Fazer banheiro: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da lapa e adjacências*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

Ubaldo Ribeiro, João (1998). *Política: quem manda, porque manda, como manda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BANHEIRÃO, PISTA E PEGAÇÃO: RELATO ETNOGRÁFICO SOBRE PRÁTICAS HOMOERÓTICAS E SEUS CONFLITOS EM ESPAÇOS PÚBLICOS DE CAMPOS DE GOYTACAZES-RJ

Resumo

O presente artigo evidencia uma etnografia de práticas homoeróticas masculinas presentes em dois banheiros rodoviários da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ). Colocando em destaque modelos e interações sociais entre sociedade, corporalidade e uso do espaço público para práticas intituladas como *banheirão*. O objetivo desta pesquisa é evidenciar a partir do trabalho de campo, as relações entre os praticantes de pegação e sua apropriação do uso coletivo de espaços públicos para práticas sexuais.

Palavra chave

Etnografia. Masculinidades. Espaço Público.

BANHEIRÃO, PISTA Y PEGAÇÃO: UN INFORME ETNOGRÁFICO SOBRE LAS PRÁCTICAS HOMOERÓTICAS Y SUS CONFLICTOS EN LOS ESPACIOS PÚBLICOS DE CAMPO

Resumen

El presente artículo destaca una etnografía de las prácticas homoeróticas masculinas presentes en dos baños de carretera en la ciudad de Campos dos Goytacazes (RJ). Destacando modelos e interacciones sociales entre sociedad, corporalidad y uso del espacio público para prácticas denominadas como banheirão. O objetivo desta pesquisa é evidenciar, a partir do trabalho de campo, as relações entre os praticantes de pegação e a sua apropriação do uso coletivo do espaço público para práticas sexuais.

Palabras-clave

Etnografía. Masculinidades. Espacio Público.

BANHEIRÃO, PISTA E PEGAÇÃO: ETHNOGRAPHIC REPORT ON HOMOEROTIC PRACTICES AND THEIR CONFLICTS IN PUBLIC SPACES IN CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

Abstract

This article shows an ethnography of male homoerotic practices present in two road toilets in the city of Campos dos Goytacazes (RJ). Highlighting models and social interactions between society, corporeality and the use of public space for practices entitled as banheirão. The objective of this research is to evidence, from the fieldwork, the relationships between the cruising practitioners and their appropriation of the collective use of public spaces for sexual practices.

Keywords

Ethnography. Masculinities. Public place.

CONTRIBUIÇÃO

Bruno Henrique Rodrigues de Oliveira

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao Instituto Nacional de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos, o INCT-InEAC/UFF pelos recursos que viabilizaram a realização do estudo a partir do qual os dados desta contribuição foram obtidos.

COMO CITAR

Oliveira, Bruno H. R. (2022). Banheirão, pista e pegação: relato etnográfico sobre práticas homoeróticas e seus conflitos em espaços públicos de Campos de Goytacazes-RJ. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(26), 997-1023.